

KATHERINE MANSFIELD

“Katherine Mansfield é o único contista de gênio indubitável de quantos têm aparecido neste século.”²⁹ Essa opinião de Gerard Bullett é característica da estima que a crítica anglo-saxônica, depois de breve eclipse, devota a essa cultora do gênero. Mesmo os que não a canonizam com o entusiasmo de seu viúvo, John Middleton Murry, chamando-a “o escritor maravilhoso e o mais lindo espírito de nosso tempo”,³⁰ concordam com Ian A. Gordon quando este afirma que “depois de Joyce e Katherine Mansfield nem o romance nem o conto poderiam voltar a serem os mesmos.”³¹

A escritora, de nome completo Katherine Mansfield Beauchamp, neozelandesa de terceira geração, nasceu em 1888, em Wellington, filha de família abastada, e frequentou os melhores colégios de sua cidade natal. Para completar-lhe a educação, os pais mandaram-na, em 1903, para Londres, onde permaneceu até 1906. Como, de volta à família, já não encontrasse o seu lugar na sociedade tosca e patriarcal da colônia, os pais autorizaram-na a retornar dois anos depois à Inglaterra, de onde nunca mais voltaria e onde bem cedo encontraria sua vocação de escritora. Com isso começaria o longo exílio de Katherine, embora suavizado pelo auxílio permanente dos seus. Começou a atrair a atenção como autora de pequenos sketches, crônicas, narrativas leves. Seu primeiro livro, *Numa pensão alemã* (1912), teve bom êxito, alcançando logo três edições. É uma coletânea de instantâneos cheios de ironia e malícia, em que a autora punha à mostra os defeitos mais chocantes dos alemães — sua inata falta de delicadeza e tato, sua grosseria natural, seu gosto em comentar as funções fisiológicas, seu incurável esnobismo, sua impertinente suficiência, sua xenofobia. (Durante a Primeira Guerra Mundial, uma editora quis aproveitar o forte ódio dos ingleses aos alemães e ofereceu importância elevada pelos direitos de reedição; Katherine, porém, não quis explorar a onda, e o livro só reapareceu depois da sua morte.)

Sua ruptura com a Nova Zelândia foi como que selada pela visita do irmão a Londres: ele veio vê-la em 1917, de passagem para frente de batalha, onde morreria logo depois.

sentar-se num banco qualquer: viriam fazer-lhe perguntas. Não podia, absolutamente, voltar ao apartamento do cavalheiro: não tinha o direito de chorar na casa dos outros. Se acaso se sentasse em algum degrau, um guarda viria falar-lhe.

Oh, não haveria um lugar onde pudesse esconder-se e isolar-se, e permanecer o tempo que quisesse, sem perturbar ninguém, sem ninguém para aborrecê-la? Não haveria nenhum lugar no mundo onde pudesse, enfim, chorar a seu gosto?

Tia Parker estava de pé olhando de um lado para outro. Ao sopro do vento gelado, seu avental inflava-se como um balão. E agora começava a chover. Não havia nenhum lugar.

FEUILLE D'ALBUM

Era, em verdade, um sujeito impossível. Arisco demais, sem absolutamente nada a seu favor. A companhia dele pesava. Se aparecia num estúdio, não tinha hora de sair, e ficava lá, sentado, até dar vontade à gente de gritar e de atirar atrás dele algum objeto enorme — a estufa, por exemplo — quando, afinal, corando, se dispunha a sair. O que havia de estranho era que à primeira vista parecia mais interessante. Nisso todos estavam de acordo. Quem entrasse no café uma tarde, lá veria, sentado a um cantinho, com um copo de café diante de si, um rapaz magro e escuro, de suéter de lã azul e jaqueta de flanela cinzenta, abotoada. De certa forma, a suéter azul e a jaqueta cinzenta, de mangas excessivamente curtas davam-lhe o ar de um menino que decidira evadir-se para o mar; um menino que se evadira a esmo, que ia levantar-se num instante, balouçando na ponta de uma bengala, dentro de um lenço atado, a camisa de dormir e o retrato da mãe, e perder-se na noite e afogar-se... tropeçando na beira do cais, a caminho do navio... Tinha os cabelos negros cortados rente, olhos cinzentos de longos cílios, faces brancas, e a boca amuada como se estivesse determinado a não chorar... Como seria possível resistir-lhe? Quem o visse, logo sentia um aperto do coração. E, como se isto não bastasse, havia aquele seu jeito de corar... Mal o garçom se aproximava, já ele enrubescia. Dir-se-ia que acabava de sair da prisão e que o garçom soubesse do caso...

— Quem é ele, querida? Você o conhece?

— Conheço-o. Chama-se Ian French. É pintor. Fabulosamente talentoso, dizem. Certa vez, uma moça começou a dispensar-lhe ternos cuidados de mãe. Perguntou-lhe se tinha notícias de casa, e cobertores de cama em número bastante, quanto leite tomava por dia. Quando, porém, ela foi ao estúdio dele para dar uma olhada às suas meias e se pôs a tocar a campainha, a porta não se abriu, embora ela jurasse ter ouvido a respiração de alguém lá dentro... Um caso sério!